

CHICO BUARQUE

ANOS DE CHUMBO

E OUTROS CONTOS

1ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Meu tio

9

O passaporte

23

Os primos de Campos

47

Cida

73

Copacabana

87

Para Clarice Lispector,

com candura

99

O sítio

123

Anos de chumbo

153

Sobre o autor

167

Sobre o autor

Francisco Buarque de Hollanda nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1944. Dois anos depois, mudou-se com os pais, o historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Hollanda e Maria Amélia Cesário Alvim, e os irmãos para São Paulo, onde o pai passou a atuar como diretor do Museu do Ipiranga. Em 1953, Chico e a família se mudam novamente, dessa vez para a Itália, onde moram por dois anos.

No final da década de 1950, influenciado pelo lançamento do disco *Chega de saudade*, de João Gilberto, o jovem Chico começa a compor e a tocar violão. Para além da música, ele se dedica à

literatura: aos dezessete anos publica suas primeiras crônicas no jornal da escola, o Colégio Santa Cruz. Em 1963, ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), mas abandona o curso três anos depois para se dedicar à música. Aos vinte anos, em 1964, sobe a um palco pela primeira vez, para apresentar “Tem mais samba”, música feita sob encomenda para o musical *Balanço de Orfeu*.

Compositor, cantor e ficcionista, Chico Buarque é autor das peças *Roda viva* (1968), *Calabar*, escrita em parceria com Ruy Guerra (1973), *Gota d'água*, com Paulo Pontes (1975), e *Ópera do malandro* (1979). Sua estreia na literatura foi com a novela *Fazenda Modelo* (1974), seguida do livro infantil *Chapeuzinho Amarelo* (1979). Ao publicar *Estorvo* (1991), seu primeiro romance, Chico se consagrou como um dos grandes prosadores brasileiros. Dele, além de *Estorvo*, a Companhia das Letras lançou *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite derramado* (2009), *O irmão alemão* (2014) e *Essa gente* (2019). Em 2019, Chico Buarque venceu o prêmio Camões pelo conjunto da obra.

Meu tio

Meu tio veio me buscar em casa com seu carro novo. Ele não costumava subir, mas dessa vez trazia uma encomenda para a minha mãe. Como sempre acontece nessas situações, papai fingiu que estava dormindo no quarto. Mãe recebeu meu tio com dois beijinhos, ofereceu café, água, pão de queijo, mas lá em casa ele ficava irrequieto, não se instalava. Os beijinhos da chegada já valeram como despedida, e mal tive tempo de catar a bolsa. Meu tio parecia menor sem os óculos escuros, que só tirou para descer os dois lances de escada de lâmpadas quebradas. Reclamou do elevador que vive

enguiçado, mas até o fim do ano pretendia nos mudar para um apartamento melhor, num bairro melhor. Minha mãe faria beicinho, pois desde criança a mana era orgulhosa e turrona, mas acabaria por ceder. Meu pai nunca recusaria um upgrade, segundo meu tio, e eu seria a mais felizarda por morar perto da praia.

O carro novo era um SUV Pajero 4 × 4. Todo branco e grandalhão feito uma ambulância, ocupava a calçada inteira em frente ao meu prédio. Quem quisesse passar por ali tinha que descer para a rua e caminhar uns cinco metros rente ao meio-fio. Por isso, quando nos viram, os passantes mais velhos fizeram cara feia. Meu tio sempre repetia que a inveja é uma merda, mas a meninada da rua admirava verdadeiramente os carros dele, desde o dia em que ele apareceu com um Mini Cooper conversível. Agora eles vinham acompanhando nossa marcha lenta pelas ruas estreitas do bairro. Alguns iam na frente como que abrindo caminho, balizando nossa passagem entre carros velhos e carcaças de carros mal parados

nos dois lados da rua. Quando desembocamos na avenida, festejaram com palmadas na carroceria. Mas foi dentro do túnel que meu tio tirou o atraso. Desenvolveu cento e vinte, cento e quarenta por hora, costurando de uma faixa a outra com a mão pesada na buzina. Só largou da buzina ao ar livre, onde ela não surtia tanto efeito.

Meu tio parou para abastecer num posto da Lagoa. Mandou encher o tanque com diesel, depois fechou a janela e ligou o som num volume impressionante. Cada batida do funk era como o coração bombeando forte. Parecia que a massa de ar inflava dentro do carro, a ponto de explodir os vidros blindados. Nesse embalo ele demorou para perceber que o frentista já esperava com a maquininha do cartão de crédito. Tirou do bolso da jaqueta umas notas de cem reais e mandou ele calibrar os pneus e ficar com o troco. Antes de dar a partida, resolveu pedir também uma cerveja e um picolé de uva, meu preferido. O frentista não podia se afastar da bomba, mas com uma nota